



## O BOM PASTOR – REFLEXÕES SOBRE A MISERICÓRDIA

### *THE GOOD SHEPHARD – REFLECTIONS ON MERCY*

Christiane Meier<sup>1</sup>

**RESUMO** – Este artigo tem por finalidade discutir o logotipo desenvolvido por Marko Ivan Rupnik para o Ano Jubilar Extraordinário de 2016, Ano da Misericórdia, e a arte sacra cristã. Verificaremos a atualidade do tema, passados cinco anos do Ano Jubilar e diante do contexto de pandemia no qual o mundo se encontra. Em seguida, observaremos as características do logotipo e suas tradições latina e oriental. Por tratar-se de arte sacra, nos moveremos em uma chave simbólica, não naturalista, na qual tudo tem um significado: traço, cor, movimento e luz.

**PALAVRAS-CHAVE** - Ano Santo, Arte Sacra, Bom Pastor, Misericórdia

#### Introdução

O Ano Jubilar Extraordinário<sup>1</sup> de 2016 foi dedicado à Misericórdia.

---

<sup>1</sup> A cada vinte e cinco anos, a Igreja Católica celebra um Ano Santo Ordinário e o último foi em 2000, sendo o próximo em 2025. Papa Francisco queria que mais pessoas pudessem vivenciar um Ano

**ABSTRACT** - This paper aims to discuss the logo developed by Marko Ivan Rupnik for the Extraordinary Jubilee Year 2016, Jubilee of Mercy, and Christian sacred art. We will check the relevance of the topic, five years after the Jubilee Year and in light of the pandemic context in which the world finds itself. As next we will then look at the logo's characteristics and its Latin and Oriental traditions. As we will be looking at sacred art, we will move in a symbolic, non-naturalistic key, in which everything has a meaning: trace, color, movement and light.

**KEY WORDS** – Jubilee Year, Sacred Art, Good Shephard, Mercy

Conclamado pelo Papa Francisco através da bula *Misericordiae Vultus*/O Rosto da Misericórdia, ele iniciou em 8 de dezembro de 2015 (dia da Imaculada Conceição) e estendeu-se até 20 de novembro de 2016

---

Santo e receber graças especiais e proclamou, portanto, um Ano Santo Extraordinário em 2015.



(festa de Cristo Rei). Para a Igreja católica romana, foi um ano dedicado à Misericórdia, a mesma pela qual muitos imploram diante da pandemia de Covid-19. Como se previsse a necessidade cada vez maior de Misericórdia divina, o Papa Francisco escreveu em sua bula: “Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia...” (art. 5).

No dia 27 de março de 2020, o Pontífice celebrou o que o Vaticano chamou de “um momento extraordinário de oração” no adro da Basílica de São Pedro. O Santo Padre proferiu a benção *Urbe et Orbi* /à cidade e ao mundo, que costuma ser dada somente em três ocasiões: 1) na eleição de um novo papa; 2) no dia de Natal; e 3) no domingo de Páscoa. A de março de 2020 foi extraordinária e repercutiu em todo o mundo.<sup>2</sup> Posteriormente, no interior da basílica vazia, Papa Francisco concedeu a indulgência plenária. Ele se encontrava só; não havia peregrinos, fiéis ou religiosos presentes, devido ao confinamento a que a Itália e grande parte do globo estavam submetidas. Nesse momento, o mundo assistia ao Papa e o espaço ritual teve que se adaptar a “uma renovada compreensão da Igreja: não se participa da liturgia sozinho, mas unido à comunidade” (MOLINERO, 2019, p. 34), neste caso, por via remota, seja pela televisão ou redes sociais.

Em sua homilia<sup>3</sup>, o Pontífice recordou a todos que “ninguém se salva sozinho” e que “o início da fé é reconhecer-se necessitado de Salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas.” Por este motivo, nesta tarde, ele orou: “Senhor, abençoa o mundo, dá saúde aos corpos e conforto aos corações! Pedes-nos para não ter medo; a nossa fé, porém, é fraca e sentimo-nos temerosos. Mas Tu, Senhor, não nos deixes à mercê da tempestade.”<sup>4</sup>

O documento de proclamação do Ano Jubilar, *Misericordiae Vultus*, inicia com a frase “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai”, e prossegue, “tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré” (art.1). Recordemos então as palavras do Salvador no Evangelho de Lucas: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.”<sup>5</sup> (Lc 6,36). São Tomás de Aquino foi categórico ao escrever que “é próprio de Deus ter misericórdia<sup>6</sup>”. Etimologicamente, a palavra resulta da junção de *miseratio*/compaixão e *cordi*/coração, ou seja, colocamo-nos de corações compadecidos pelos doentes, pelas mortes dos entes queridos e pelo distanciamento social prolongado.

<sup>3</sup> Texto completo da homilia acessível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html>

<sup>4</sup> *ibidem*

<sup>5</sup> <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-lucas/6/>

<sup>6</sup>

<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>

<sup>2</sup> <https://pt.aleteia.org/2020/11/27/bencao-urbi-et-orbi-do-papa-francisco-nesta-sexta-e-fake-news/>



Há que se notar, contudo, que a misericórdia de Deus não é uma novidade dos Evangelhos; ela é mencionada no Pentateuco, quando Deus se revela a Moisés como "Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade"<sup>7</sup> (Ex 34,6). Segundo ainda a bula papal de 2015, "compassivo e misericordioso" é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus." (art. 6). De acordo com os Salmos, "é ele que perdoa as tuas faltas, e sara as tuas enfermidades. É ele que salva tua vida da morte, e te coroa de bondade e de misericórdia."<sup>8</sup> (Sl 103/102, 3-4). Esta é a misericórdia que o Papa invocou nas suas orações de março de 2020, pedindo saúde e conforto para Roma e o mundo.

### O logotipo do Jubileu da Misericórdia

Na atualidade, todo evento tem sua identidade visual e não seria diferente com o Ano Jubilar, como Carrión (2016) aponta. Escreve ele:

No contexto cultural atual, todo grande acontecimento vem acompanhado do desenho de um emblema ou símbolo: um elemento de identidade visual que atua como representante e portador dos valores que acarreta. É o conjunto de logotipo e imago-tipo, popularmente conhecido como 'logo'. Nesta ocasião, a Igreja pode

beneficiar-se da arte de Rupnik.<sup>9</sup> (*ibidem*, p. 733, livre tradução nossa).

Notamos ambos, tanto o elemento pictórico como o literário, no logotipo do Ano Jubilar Extraordinário de 2016. O lema escolhido foi a passagem do Evangelho de Lucas: "Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso." (Lc 6,36), para o qual o padre jesuíta esloveno, Marko Ivan Rupnik<sup>10</sup>, desenvolveu o 'logo' (imagem 1). Lê-se na página oficial do Vaticano que "o logotipo [...] apresenta-se como uma pequena suma teológica do tema da misericórdia."<sup>11</sup>

Ao analisarmos a composição pictórica, notamos que a forma é amendoada, uma mandorla<sup>12</sup> em três tonalidades de azul. De acordo com Carrión (2016), "a mandorla é um elemento formal que expressa visualmente

<sup>9</sup> "En el actual marco cultural todo gran acontecimiento va acompañado del diseño de un emblema o símbolo: un elemento de identidad visual que sirva como representante y portador de los valores que conlleva; se trata del conjunto del logotipo e imago-tipo, referido popularmente como logo. En esta ocasión la Iglesia se ha podido beneficiar del arte de Rupnik". (CARRIÓN, 2016, p.733)

<sup>10</sup> Marko I. Rupnik (1954 -) "realiza uma síntese da arte paleocristã, românica, bizantina e do primeiro gótico, sem deixar de lado as vanguardas do século XX. [...] Rupnik busca a arte [...] que mais do que ser admirada, suscite veneração." (CARRIÓN, 2016, p.734, livre tradução nossa).

<sup>11</sup>

<http://www.iubilaeummisericordiae.va/content/gdm/pt/giubileo/logo.html>

<sup>12</sup> De acordo com o Dicionário Houaiss, mandorla é: 1) figura geométrica em forma de amêndoa; e 2) na iconografia bizantina e românica, espécie de auréola de formato oval, símbolo de glória e apoteose, na qual se inserem, de corpo inteiro, as figuras de Cristo ou da Virgem em majestade.

<sup>7</sup> <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/exodo/34/>

<sup>8</sup> <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/salmos/102/>



a Glória de Deus”<sup>13</sup> (p. 739, livre tradução nossa). Ele acrescenta que “a luz incriada se mistura com o azul desde as tonalidades mais claras até um azul próximo ao negro, o que gera um poderoso efeito de profundidade, além de conotar a impenetrabilidade do mistério de Deus.”<sup>14</sup> (*ibidem*, p. 742, livre tradução nossa). Podemos inferir também uma representação da Trindade Santa, sendo as três cores significativas de cada pessoa: Pai, Filho e Espírito Santo. Elas representam, igualmente, o caminhar do Redentor com Adão para fora da escuridão do mundo dos mortos para a claridade da vida em Glória, para a iluminação tabórica, da Transfiguração de Jesus no monte Tabor. (CARRIÓN, 2016). Por outro lado, Strezova (2014), seguidora do pensamento do Pseudo-Dionísio Areopagita, afirma que “mandorlas continham muitas camadas coloridas, geralmente entre três e sete [...], o número de camadas [...] reflete os três níveis de ascensão mística (a escuridão, a nuvem e a luz divina) [...]”<sup>15</sup>. (p. 93, livre tradução nossa) A autora prossegue informando que segundo o ensinamento do Pseudo-Dionísio, “o

emprego de preto ou azul para o centro da mandorla reflete [...] a essência de Deus, à qual ele várias vezes se refere como ‘a escuridão luminosa’”. (*ibidem*, p. 94, livre tradução nossa).



**Figura 1**  
Logotipo do  
Ano Jubilar  
Extraordinário  
da  
Misericórdia,  
Marko I.  
Rupnik, 2015

<sup>13</sup> “[...] la mandorla es un elemento formal que expresa visualmente la Gloria de Dios [...]” (CARRIÓN, 2016, p. 739)

<sup>14</sup> “La luz increada se mezcla con el azul, desde las más claras tonalidades hasta un azul próximo al negro, lo que genera un poderoso efecto de profundidad, además de connotar la impenetrabilidad del misterio de Dios.” (CARRIÓN, 2016, p. 742).

<sup>15</sup> “Mandorlas contained many colourful layers, usually between three and seven... According to Pseudo-Dionysius the number of layers in the mandorla reflected the three levels of ascent of the mystic (the darkness, the cloud and the divine light).” (STREZOVA, 2014, p.93)



Observando o logotipo, ao centro vemos Cristo com um homem, Adão, às costas. Strezova (2014) nos informa que “[...] os iconógrafos colocavam a figura de Cristo no interior do espaço reservado da mandorla, com a finalidade de afirmar a união hipostática de suas duas naturezas.<sup>16</sup>” (p. 93, livre tradução nossa). À esquerda, já fora da mandorla, encontra-se o lema: *MISERICORDES SICUT PATER/MISERICORDIOSOS COMO O PAI*. Sabemos tratar-se do Ressuscitado, pois, além do nimbo crucífero, podemos ver também as chagas nas mãos e nos pés; Ele está chagado e vivo a um só tempo. A imagem afirma assim o cristocentrismo pascal da Igreja: Cristo ressuscitado.

Esta tipologia é encontrada na iconografia da *Anastasis*/Ressurreição da Igreja ortodoxa, imagem que amalgama dois eventos: a descida do espírito de Jesus ao mundo dos mortos (Mt 27,51-54) e Sua ressurreição de corpo e alma (1Pe 3,18-20). Ela afirma, deste modo, “a realidade da união hipostática de duas naturezas em Cristo após sua morte e ressurreição, já que Cristo permanece perfeitamente homem e perfeitamente Deus no céu e na terra.<sup>17</sup>” (STREZOVA, 2014, p. 131, livre tradução

nossa) Trata-se, pois, da forma canônica de ortodoxos apresentarem a ressurreição de Cristo. Strezova (2014) informa tratar-se, porém, de três eventos a uma só vez: “sua vitória sobre Satã, a morte e a escuridão; a libertação dos justos do Hades; e sua ressurreição vitoriosa na manhã de Páscoa<sup>18</sup>” (p. 132, livre tradução nossa). No Ocidente, a iconografia apresenta-nos somente a Ressurreição, negligenciando o mais importante, o resgate da humanidade da morte, que, segundo a autora, é primordial para dar sentido à loucura do cristianismo, nas palavras de Paulo (1Cor 1, 21-25).

#### **A Anastasis**

Importante recordar que Jesus teve que ser pregado à cruz, no alto do monte Gólgota, para de lá de cima enxergar Adão no inframundo e poder ir a seu encontro e resgatá-lo. Segundo Rupnik (2019), “Efrém, o sírio, disse: ‘desceu o Bom Pastor, deixou que fosse levantado na Cruz para conseguir ver até longe, até onde estava a ovelha e a viu morta. Desceu aos Infernos, colocou-a nos ombros para levá-la ao Pai.’” (p. 50). Portanto, a cruz assentada no Gólgota vai do inframundo ao Céu e o Messias reconecta assim o homem a Deus-Pai. O autor afirma, neste sentido, que “a morte não é terrível, é o

<sup>16</sup> “[...] iconographers places the figure of Christ within the space reserved for the mandorla, with the aim of affirming the hypostatic union of his two natures”. (STREZOVA, 2014, p. 93)

<sup>17</sup> “[...] the reality of the hypostatic union of two natures in Christ after his death and resurrection, as Christ remains perfect man and perfect God in heaven as well as on earth.” (STREZOVA, 2014, p. 131)

<sup>18</sup> “His victory over Satan, death and darkness; his deliverance of the righteous from Hades; and his victorious resurrection on Easter morning.” (STREZOVA, 2014, p. 132).



lugar onde se encontra Deus.” (*ibidem*, p. 56).

Na Igreja ortodoxa, a forma canônica de mostrar a imagem pictórica da Ressurreição de Cristo/*Anastasis* é a Sua descida à mansão dos mortos para abrir os túmulos e resgatar Adão e Eva (imagem 2). Rupnik (2019) aclara sobre a morte de Jesus: “[...] Ele não ressuscita, Ele **FOI** ressuscitado, o Pai O ressuscitou com o seu Espírito. Ele não ressuscita sozinho como Filho de Deus, mas com os

progenitores, Adão e Eva, e toda a humanidade.” (p. 55, grifo do autor).

Se os pais originais nos deram a morte, Cristo nos dá a redenção e a vida eterna – esta a narrativa da *Anastasis*. Contudo, essa tipologia sofreu pequenas modificações ao longo do tempo e Carrión (2016) enumera quatro modelos:

1) o narrativo (imagem 2): Cristo se inclina para Adão e o toma com uma das mãos;



Figura 2

*Anastasis*, igreja de São Jorge, Kurbinovo, Macedônia, século XII



2) o 'renascentista' (imagem 3): Cristo com a cruz em uma das mãos puxa, com a outra, Adão de sua sepultura, olhando-o e caminhando em direção oposta, com Eva aguardando, em segundo plano;



Figura 3

*Anastasis*, Basílica de São Marcos, Veneza, Itália, séc. XI

3) o 'dogmático' (imagem 4): Cristo tem Adão de um lado e Eva de outro e, Ele, estático, ao centro;



Figura 4

*Anastasis*, Mosteiro de Chora, Istambul, séc. XIII

4) uma combinação de todos acima: Cristo puxa Adão e Eva da sepultura e caminha em direção contrária a Adão. (p. 736, livre tradução nossa)

No logotipo de Rupnik encontramos-nos no momento posterior ao resgate: o Bom Pastor já está com sua ovelha às costas, a ovelha perdida na noite da morte. (CARRIÓN, 2016, p. 736). Lucas descreve a alegria do pastor ao encontrá-la: “achando-a, alegre a põe sobre os ombros”. (Lc 15,5) Esta composição nos recorda que, pela desobediência de Adão, o progenitor da humanidade, ela foi condenada à morte e, pela obediência do Filho, fomos e seremos todos resgatados e levados à morada do Pai outra vez.

Notamos, tanto no logo e como na imagem 4, o mesmo jogo de pés e pernas; um Redentor ativo, porém em momentos

diferentes da narrativa. Se, nas imagens 2 a 4, Jesus está puxando Adão, na 1, no logotipo, Ele já o resgatou e o traz às costas. A exemplo das imagens 2 e 4, também o Bom Pastor calca os pés sobre tábuas negras que denotam tanto a cruz como as tampas dos túmulos que se romperam quando Ele entrou no reino dos mortos (Mt 27,52); já na imagem 3, ele calca o demônio e a morte diretamente. Trata-se da *calcatio*/pisada de Jesus sobre o mal e a morte que encontramos na Paleóigreja, o *Christus militans*/Cristo guerreiro, presente já no século V (imagem 5).



Figura 5

*Christus militans*, mosaico, capela arquidiocesana, Ravena, Itália, séc. V

### O olhar

Observando o rosto do Salvador no logotipo da Misericórdia, notamos traços típicos da **Santa Face**, do rosto *acheiropoiéto*/não pintado por mãos humanas, mas estampado em tecido de linho. No paleocristianismo, esta tipologia tornara-se modelo para Suas feições: rosto fino, olhos grandes e muito abertos, nariz afilado, boca pequena e fechada - traços típicos também de ícones ortodoxos. Os cabelos são longos e divididos ao meio e a barba é igualmente longa e bipartida.

Notamos ainda que o rosto de Adão (imagem 6) tem os mesmos traços que o do Salvador: olhos grandes e muito abertos, nariz afilado, barba igualmente longa, mas não mais bipartida, porém em forma de coração, denotando seu amor por aquele que o redime. Se o Filho é ‘a imagem visível do Deus invisível’ (Col 1,15), se o Verbo encarnado é o rosto humano de Deus trino e uno, então Adão tem, necessariamente, que ter as mesmas feições de Jesus. Escreve Rupnik (2019): “O *Lógos* se identifica com a ovelha, o Bom Pastor se torna uma coisa só com a ovelha,



pois é toda a humanidade que Ele assumiu, pois enquanto não tivesse assumido toda a

humanidade, isto é, todos os mortos, não a teria redimido.” (p. 50).



Figura 6

Detalhe do Bom Pastor, Marko I. Rupnik, 2015

Os olhos, além de muito grandes e abertos, são amendoados. Rupnik explica sua inspiração para pintá-los: foi a partir do peixe (imagem 7). Animal familiar aos pescadores do lago de Tiberíades e, em especial, para Jesus que, após a Ressurreição, convidava os seus a comê-lo. O artista prossegue explicando que a palavra peixe/*ichthys* em grego passa a ser o acróstico de Cristo<sup>19</sup> e o animal a simbolizar a comunidade. Relata ainda que,

de tanto visitar as catacumbas em Roma e de admirar as pinturas ali contidas, terminou vendo o peixe que o mirava. “Olhei para o peixe recém-desenhado e vi o olho que me encarava fixamente. O rosto. Tudo converge para o rosto, e o rosto é o olhar.”<sup>20</sup> (RUPNIK, 2003, p. 82, livre tradução nossa) Notamos assim a importância que o iconógrafo dá ao olho e ao olhar em sua obra.

<sup>19</sup> *ichthys* acróstico de Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador/*Iesus Christos Theon Yios Soter*.

<sup>20</sup> “He mirado el pez recién dibujado y he visto el ojo que me miraba fijamente. El rostro. Todo converge en el rostro, y el rostro ES la mirada.” (RUPNIK, 2003, p. 82).



Percebe-se, contudo, que há somente três olhos para os dois rostos: os homens têm um olho em comum. Assim Adão, o primeiro ser humano criado por Deus à Sua imagem e semelhança e resgatado por Jesus da mansão dos mortos, simboliza a humanidade, tanto os que viveram antes como os que viveram depois Dele. Portanto, todo aquele que se entregar a Cristo como Adão o fez no Hades será salvo. Notemos como Adão não resiste ao ser carregado às costas; está totalmente conforme com o Bom Pastor, partilhando inclusive o mesmo olhar.

Apreciando os detalhes dos olhares tanto da imagem 6 como da 8, do mosaico da Porta da Caridade em Roma, eles representam a comunhão do Redentor com aquele que se entrega à fé Nele e que assim “pode ver o caminho da vida iluminado pelo olhar de Deus.”<sup>21</sup> Lembremos que o Logos encarnado tem duas naturezas a um só tempo - a divina e a humana- e esse olhar compartilhado é, justamente, Sua visão humana, a maneira com a qual Ele nos enxerga; e esse olhar nós (re)conhecemos e somos capazes de compreender<sup>22</sup>. “O olho esquerdo de Cristo e o direito de Adão são um só, mostrando que Deus é capaz de ver como que com nossos olhos as situações em que vivemos.”<sup>23</sup> Dado que o ser humano é

incapaz de entender Deus, é Ele que desce, encarnando toma a nossa forma e vem assim até nós, nos procura na mansão dos mortos, nos resgata e nos mira de tal forma que, enfim, possamos compreendê-IO.

---

<sup>21</sup> <https://pt.aleteia.org/2016/02/16/explicacao-do-brasao-do-ano-jubilar-da-misericordia/>

<sup>22</sup> Declaração de Marko I. Rupnik em vídeo, acessível no endereço [https://www.youtube.com/watch?v=LSsUine\\_PGM](https://www.youtube.com/watch?v=LSsUine_PGM), acessado em 22/01/2021

<sup>23</sup> <https://pt.aleteia.org/2016/02/16/explicacao-do-brasao-do-ano-jubilar-da-misericordia/>

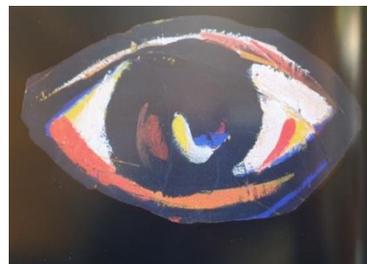


Figura 7

à esquerda, *Ichthys III*; à direita, detalhe de *Aparece el Rostro*, 1980, Marko I. Rupnik



Figura 8

Porta da Caridade e detalhe, Marko I. Rupnik, Caritas, Roma, 2015

O olhar humano do Cristo, a visão da Encarnação, não é novidade na arte sacra contemporânea, mas conhecido desde o final da Idade Média em representações da Santíssima Trindade da tipologia do *trivultus*/ das três faces (imagem 9). São três rostos unidos por um crânio,

contendo três bocas e narizes, mas somente quatro olhos ao invés de seis, como seria de se esperar. Há um olho para cada pessoa da Trindade Santa (Pai, Filho e Espírito Santo) e um quarto representando a natureza humana de Jesus de Nazaré.

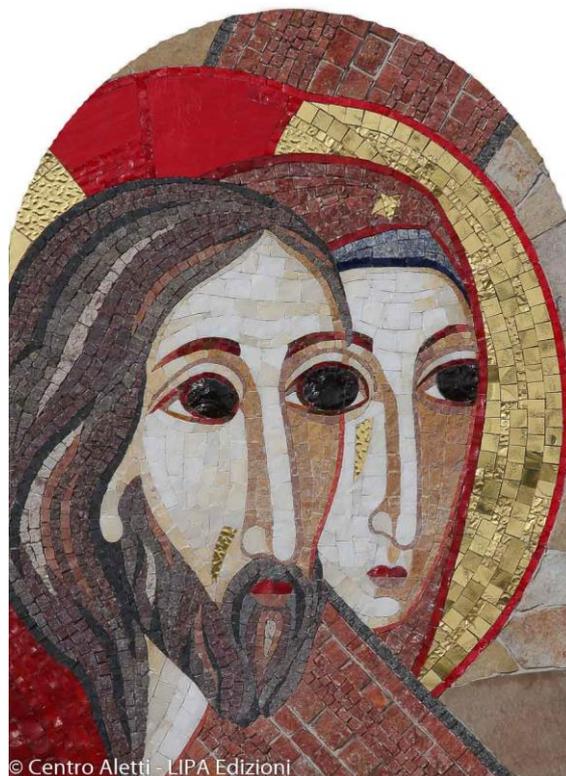


Figura 9

*Trivultus*/Três Faces, igreja de São Nicolao, Giornico, Suíça, século XV

Contudo, Rupnik não utiliza esta simbologia por primeira vez no logotipo do Ano Santo e nem na Porta da Caridade, em 2015. Já em 2008, ele funde o olho humano do Filho com o de Sua Mãe (imagem 10) e em 2014 ele o faz com a ovelha resgatada (imagem 11). Esse olhar não tem, unicamente, o valor simbólico da natureza humana do Verbo encarnado, mas denota também a relação entre Ele e Sua Mãe, aquela que lhe deu a humanidade.

Não esqueçamos que ela também foi obediente a Deus ao dizer *'fiat/ faça-se'*, em contraponto a Eva que foi desobediente e que culminou com a Queda. Análogo é o olhar do Pastor para Sua ovelha: segundo o artista, esta é a relação do homem com a Trindade Santa proposta por Jesus. “Ele [o Bom Pastor] olha para a ovelha e a ovelha olha para o Pai.” (RUPNIK, 2019, p. 51), um olhar que diviniza o homem, que o restaura a condição anterior à Queda.



© Centro Aletti - LIPA Edizioni

**Figura 10**

*Via Crucis*, Marko I. Rupnik, Mengore – Eslovênia, 2008  
(Passo 4: Jesus encontra sua mãe)

### A luz tabórica

Já havíamos observado que, no logotipo, o rosto de Adão é o mesmo de Jesus, recordando-nos assim que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Este, porém, utiliza-se do plural para falar dessa semelhança: “Então disse Deus: ‘Façamos o homem à **nossa** imagem e semelhança.’”<sup>24</sup> (Gn 1,26, grifo nosso). Um indicativo de que Deus não está só, de que Ele é plural, é comunhão de três pessoas. Jesus afirmou que quem O vê, vê O Pai (Jo 14,9), portanto, ao mirá-LO, olhamos, concomitantemente, para o Pai e para o

Filho, para a primeira e a segunda pessoa da Trindade Santa; e, se Deus é uno e trino, então a terceira pessoa também estará presente. No logo, Ela está representada pela cor branca da veste de Jesus, cor que denota o Espírito Santo, a luminosidade espiritual da Trindade, luz presenciada pelos apóstolos no Monte Tabor. Nas palavras de Carrión (2016): “Cristo aparece vestido de branco: é a Luz.”<sup>25</sup> (p. 741, livre tradução nossa). O autor informa que a Patrologia grega enumera três tipos de luz: 1) a sensível, 2) a intelectual e 3) a incriada. “A primeira é a

<sup>24</sup> <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/1/>

<sup>25</sup> “Cristo aparece vestido de blanco: es la Luz?”. (CARRIÓN, 2016, p. 741)



que revela os objetos próprios dos sentidos, enquanto que a segunda possibilita penetrar-se nas verdades que transcendem a ordem sensorial. A luz incriada, ainda que se valha das demais, está em um nível infinitamente superior.<sup>26</sup>” (*ibidem*, p. 741, livre tradução nossa).

O ícone da Transfiguração é um tema caro à Igreja oriental, já que aponta para a condição apocalíptica do Nazareno, para a sua Glória. No Monte Tabor, Jesus transfigurado emana uma luz tão forte, que

seus três discípulos não conseguem mirá-lo. Trata-se da mesma luz divina que os pais originais emanavam antes da Queda; é certo que estavam nus, porém recobertos de luz de sua condição divino-humana (TOMMASO, 2021).



Figura 11

Bom Pastor, Marko I. Rupnik, Paróquia do Canidelo 2014

<sup>26</sup> “La primera es la que revela los objetos propios de los sentidos, mientras que la segunda hace posible penetrar en las verdades que trascienden el orden sensorial. La luz increada, aunque se vale de las otras, está en un nivel infinitamente superior.” (CARRIÓN, 2016, p. 741)



O Cristo do logotipo não é um pregador ou um filósofo, ao contrário, Ele é ativo, está em movimento, deixando para trás o inframundo. Ele caminha com Adão às costas rumo à luminosidade, à claridade e, finalmente, à plena luz que é Cristo em Glória. Está no Credo de Niceia que Jesus é 'Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro'<sup>27</sup>: portanto, Deus é Luz; somos salvos e levados em direção à Luz, a Deus, o que pode ser visto na imagem 11. Nela, vemos Cristo caminhar da escuridão em sentido à claridade, à luz divina, à Glória, representada pelos semi-arcs branco e dourado.

Detenhamo-nos na veste de Adão no logotipo: de cor originalmente verde, a cor da criação, mas que, em contato com o dourado, com a luz tabórica do Redentor, mistura-se a esta e transforma-se num meio tom, denotando agora um Adão salvo e sendo carregado ao encontro de Deus-Pai, segundo as palavras do artista<sup>28</sup>. Recordemos que, para Palamas<sup>29</sup>, o ser humano fora criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 3) e, ao cometer o pecado original, deixa de ser semelhante e passa a ser só imagem (STREZOVA, 2014, p.53); como visto anteriormente, já não resplandece mais a luz divina e sente-

se nu. Contudo, ao ser resgatado da morte e ir ao encontro do Pai, o Bom Pastor restabelece a sua divina-humanidade anterior à Queda, isto é, Adão e a humanidade voltam a ser não só imagem, mas também semelhança de Deus.

Esta mesma cor está presente na auréola do Senhor, onde se observa ainda o vermelho intercalando com o verde-dourado: o vermelho da divindade do Cristo<sup>30</sup>. Seu nimbo vermelho e verde-dourado simboliza assim Suas duas naturezas a um só tempo.

### O pulso

Chama à atenção do observador a leveza com a qual Jesus carrega às costas o corpo de um adulto de boa constituição. Notamos que já não estamos mais no mundo dos sentidos, no tempo histórico/*chronos*; movemo-nos no tempo de Glória do Ressuscitado/*kairós*, o tempo de Deus.

Observamos que o Redentor segura Adão pelos pulsos e pelos tornozelos do mesmo modo que o bom pastor já o fazia no século V a.C. (imagem 13). O 'segurar pelo pulso' é significativo na arte sacra, denotando a ação de Jesus e a consequente entrega de Adão. Não é Adão que faz esforço para se agarrar à mão de Cristo, mas, ao contrário, é Ele que o segura e antes o puxa do túmulo. O mesmo 'puxar pelo pulso' que vemos na criação de Eva: Deus a puxa pelo pulso, a abençoa e lhe dá vida (imagem 12). Não é ela que se agarra à

<sup>27</sup> <https://www.paieterno.com.br/oracao/credo-niceno-constantinopolitano/>

<sup>28</sup> Depoimento em vídeo, em [https://www.youtube.com/watch?v=LSsUine\\_PGM](https://www.youtube.com/watch?v=LSsUine_PGM)

<sup>29</sup> Gregório Palamas (1296 – 1357 ou 1359), monge e santo ortodoxo

<sup>30</sup> No mesmo vídeo da nota 4, há a explicação para o vermelho, a cor-símbolo do divino.



mão do Criador para sair da costela do homem; ela não tem participação na ação, pelo contrário, o Pai é o único ativo na narrativa.

Ao questionarmo-nos sobre a razão do puxar pelos pulsos e não pela mão, lembramos que é no pulso que se sente a vida, as batidas do coração – é aí que Deus-Pai e Deus-Filho sentem a vida dos

seres criados por Eles após soprarem vida em suas narinas. Notemos que na imagem 12, Deus-Pai é apresentado como o Filho, com as feições da Santa Face e nimbo crucífero, lembrando-nos que quem vê o Filho, vê o Pai (Jo 14, 9) - Alfa e Ômega, Criador e Redentor a um só tempo, no *kairós*.



Figura 12

Deus criando Eva, Bíblia de Winchester, Inglaterra, séc. XII

### O Bom Pastor

Vimos que a tipologia do Cristo no logotipo é conhecida como a do Bom

Pastor e lemos a este respeito em João: "Eu sou o bom-pastor. O bom-pastor expõe a sua vida pelas ovelhas. [...] Eu sou



o bom-pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim, como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas".<sup>31</sup> (Jo 10,11-15). Esta imagética não surge na Igreja primitiva, mas já é conhecida há muito na região mediterrânea. Os gregos, por exemplo, tinham o deus Hermes que não era só um bom pastor, mas, igualmente, mensageiro dos deuses e guia dos mortos.

Entre as muitas representações de Hermes, há a do deus com seu carneiro às costas, como na imagem 13. Esse modelo conhecido como Hermes *crióforo*, o que leva o carneiro, foi resignificado à luz das palavras do Messias e passa a representar o Bom Pastor (imagem 14), estando presente nas paredes das catacumbas de Roma.

E os cristãos, sabendo dos bastidores culturais de seis séculos [...] dão este sentido: quando alguém morre, não é dito que tenha morrido ou esteja dormindo, pois há alguém que se ocupa dele, e esse alguém é Hermes. Há [...] o *crióforo*, que seria, de fato, um pastor, pois '*crios*' é o carneiro. [...] Hermes, que leva o morto, aquele que está ferido ou aquele que está enfermo; o *crióforo*, que carrega a ovelha nos ombros: eis o Cristo! (RUPNIK, 2019, p. 46)

Foi também relacionado com a segunda pessoa da Trindade, Deus-Filho encarnado, pois é o mensageiro do Pai e Salvador dos mortos (VAZ, 2015). O Bom Pastor passou a representar "a redenção da

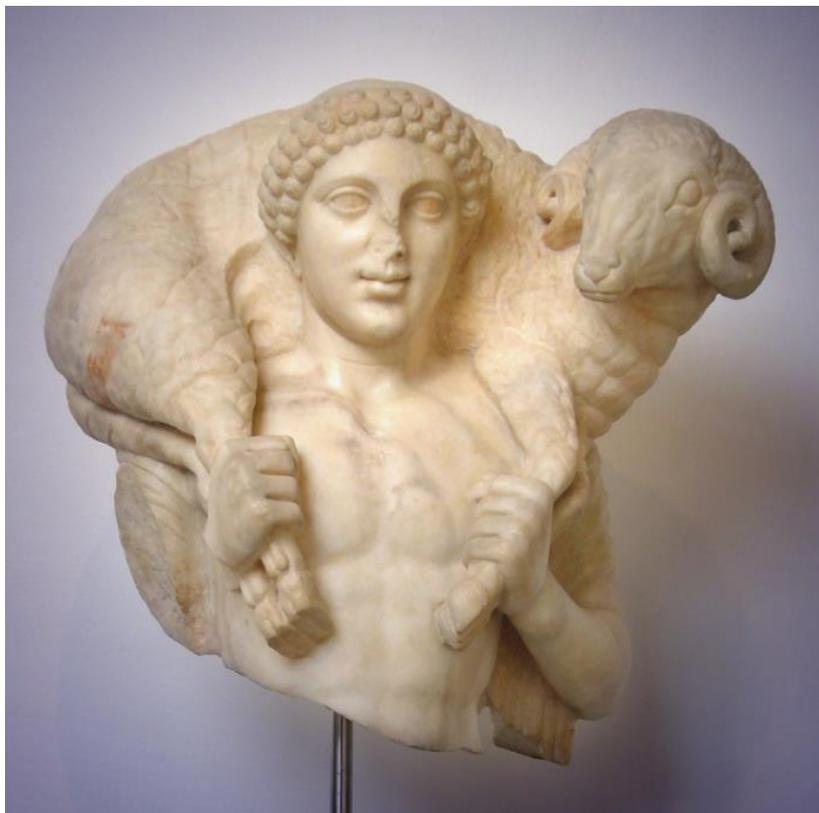
humanidade pela ressurreição de Jesus Cristo entre os mortos." (PELIKAN, 2000, p. 24). Rupnik (2019) corrobora com esta afirmação: "O *Lógos* se identifica com a ovelha, o Bom Pastor se torna uma coisa só com a ovelha, pois é toda a humanidade que Ele assumiu, pois enquanto não tivesse assumido toda a humanidade, isto é, todos os mortos, não a teria redimido." (p. 50). Assim, ao olharmos para o Bom Pastor, não estamos vendo o Cristo histórico, mas o Salvador que realmente salva, segundo Evdokimov<sup>32</sup>. Rupnik (2019) é de mesma opinião e cita Santo Irineu:

O Pai mandou o Filho como Bom Pastor, e Ele foi procurar a ovelha desgarrada. Quando a encontrou – o homem feito por Deus [Adão] e que se perdera e morrera – Ele a colocou em seus ombros para levá-lo de volta ao Pai. (p. 50).

O autor prossegue explicando que a iconografia da *Anastasis* não está baseada unicamente em João, mas igualmente em Mateus, fazendo assim a ponte com o Bom Pastor: "quando ele estava na colina, no monte, com as noventa e nove ovelhas e se dá conta de que está faltando uma delas, e **então desce.**" (*ibidem*, p. 50, grifo nosso). Já Vaz (2015) elucida que, para a Igreja primitiva, a tipologia do Bom Pastor "foi a figura religiosa soberana para sintetizar a ideia da salvação e figurar Jesus como o Messias Salvador. [...] uma presença tão vasta que nos permite inferir que [...], no período paleocristão, ocupava a posição e importância que na atualidade é consagrada à imagem de Cristo Crucificado." (p. 7).

<sup>31</sup> <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-joao/10/>

<sup>32</sup> *Apud* Tommaso (2018).



**Figura 13**

*Hermes crióforo*, Museu Barracco, Roma, Itália, cópia tardoromana de original grego do sec. V a.C.

### **Considerações finais**

Podemos assim concluir que, ao olharmos para o Bom Pastor, não estamos vendo o Cristo histórico, mas o Cristo em Glória, o Redentor e o Criador, a um só tempo. Para a Pale Igreja, a tipologia do Bom Pastor foi a figura religiosa soberana que sintetizava a ideia da Salvação e figurava Jesus como o Redentor. Rupnik (2019) explica que os primeiros cristãos

conheciam a cultura clássica de seis séculos e entendiam a tipologia ali apresentada. Ele prossegue afirmando que tinham ciência de que quando alguém morria, não era dito que estivesse morto, pois havia alguém a se ocupar dele - Hermes. O deus que levava o morto, o ferido ou o enfermo; o *crióforo*, que carrega a ovelha nos ombros: este é o Cristo pascal da Igreja primitiva.



Figura 14

Bom Pastor, catacumba de Priscila, Roma, Itália, século III

Deus-Pai mandou seu Filho como o Bom Pastor, e Ele foi procurar a ovelha perdida no Hades. Quando encontrou o progenitor da humanidade criado pelas mãos de Deus e que havia caído e morrera, Ele o colocou em seus ombros para levá-lo de volta ao Pai. “Assim Se aventurou o nosso Rei até aos confins do universo, para abraçar e salvar todo o vivente. [...] Unicamente este amor [de Deus] venceu e continua a vencer os nossos grandes adversários: o pecado, a morte, o medo.”<sup>33</sup> (PAPA FRANCISCO, 2016)

<sup>33</sup> Homília do Papa Francisco por ocasião do encerramento do Ano Santo de 2016, em

Portanto, ao olhar para o logotipo do Jubileu da Misericórdia, vemos o Bom Pastor, carregar a ovelha que se perdera no inframundo e certificamo-nos assim que Ele é misericordioso como o Pai, pois Ele e o Pai são um só, Criador e Redentor. Cristo é o Rosto da Misericórdia invocado no Jubileu de 2016 e que o Papa deseja que reverberasse por muitos anos.

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco\\_20161120\\_omelia-chiusura-giubileo.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20161120_omelia-chiusura-giubileo.html)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRIÓN, José Manuel. El logo del Año de la Misericordia. Una aproximación AL arte litúrgico de Marko Rupnik, *Scripta Theologica*/ vol. 48 / 2016 / 731-751, em <https://offlattes.com/archives/5531>, acessado em 22/06/2021

MOLINERO, D. Marcelo Antonio Audelino. **O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia para uma teologia do espaço litúrgico**. São Paulo, Paulus: 2019.

PAPA FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*, 11 de abril de 2015, em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html), acessado em 05/06/2020

PELIKAN, Jarosláv. **A imagem de Jesus ao longo dos séculos**, Cosac & Naïf, São Paulo: 2000

RUPNIK, Marko I. *Los colores de la luz*, Editorial Monte Carmelo, Burgos: 2003

\_\_\_\_\_. **A arte como expressão da VIDA LITÚRGICA**, Edições CNBB, Brasília: 2019

SÃO TOMAS DE AQUINO. *Suma Teologica*, Art.2 – 1, em <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>, acessado em 24/06/2021

STREZOVA, Anita. *Hesychasm and Art – the appearance of new iconographic trends in Byzantine and Slavic lands in the 14<sup>th</sup> and 15<sup>th</sup> centuries*, Australian National University Press, Canberra: 2014

TOMMASO, Wilma S. **Reflexões sobre o Mistério na Arte Sacra**, *Teoliterária* V. 5 - N. 9 – 2015, em [www.academia.edu](http://www.academia.edu), acessado em 10/03/2020

\_\_\_\_\_. Aula proferida em 26 de maio de 2021 no curso **Impasses do Contemporâneo** do Labô PUC/SP.

VAZ, Cláudia Maié Pires. **O Bom Pastor** – arte mural nas catacumbas cristãs romanas, Lisboa: 2015, em [https://www.academia.edu/12249007/O\\_Bom\\_Pastor\\_-\\_Arte\\_mural\\_nas\\_Catacumbas\\_crist%C3%AAs\\_Romanas](https://www.academia.edu/12249007/O_Bom_Pastor_-_Arte_mural_nas_Catacumbas_crist%C3%AAs_Romanas), acessado em 20/05/2020

---

**LUMEN ET VIRTUS**

**REVISTA INTERDISCIPLINAR**

**DE CULTURA E IMAGEM**

**VOL. XII N° 31 MAIO-AGOSTO/2021**

**ISSN 2177-2789**

---



---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências Humanas.